

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI**  
**Escola de Negócios, Hospitalidade e Relações Internacionais**

**Iago Djavan Martins Santos RA: 125111349036**

**Márcio Augusto Galvão Dias RA: 125111370180**

**Vinicius Ziliotte Campos RA:125111365535**

**O PAN-ARABISMO DE NASSER DURANTE A CRISE DO CANAL DE SUEZ: UMA  
ANÁLISE DE DISCURSO**

**SÃO PAULO**

**2023**

Iago Djavan Martins Santos RA: 125111349036  
Márcio Augusto Galvão Dias RA: 125111370180  
Vinicius Ziliotte Campos RA:125111365535

O PAN-ARABISMO DE NASSER DURANTE A CRISE DO CANAL DE SUEZ: UMA  
ANÁLISE DE DISCURSO

Trabalho de conclusão do curso de graduação de  
Relações Internacionais da Universidade Anhembi  
Morumbi.

Orientadora Dr. João Estevam dos Santos Filho

SÃO PAULO  
2023

## **RESUMO**

O anúncio da nacionalização do Canal de Suez feito por Gamal Abdel Nasser foi um dos acontecimentos mais importantes da Guerra Fria. Tendo em vista o imenso valor estratégico do Canal, trata-se de um caso emblemático e que possui um imenso valor simbólico, devido ao fato de ser umas das raras ocasiões em que uma ex-colônia desafiou abertamente todo o sistema imperialista vigente até então. Naquele momento, movimentos de libertação estavam se alastrando pelo mundo árabe, sendo que a ideologia que unia todos estes movimentos era o Pan-arabismo, fortemente identificada com a figura de Nasser. Durante a Crise do Canal de Suez, o presidente egípcio utilizou o discurso Pan-arabista como um instrumento de projeção de influência do Egito, de modo a ser visto como uma liderança legítima pelos países árabes. Sendo assim, este artigo tem como objetivo entender qual foi a importância dos elementos Pan-arabismo no discurso político do Nasser durante a crise do Canal de Suez.

**Palavras-chaves:** Pan-arabismo, Gamal Abdel Nasser e Canal de Suez.

## **ABSTRACT**

The announcement of the nationalization of the Suez Canal by Gamal Abdel Nasser was one of the most significant events of the Cold War. Considering the immense strategic value of the canal, it is an emblematic case with enormous symbolic importance, as it represents one of the rare occasions when a former colony openly challenged the prevailing imperialist system. At that moment, liberation movements were spreading throughout the Arab world, and the ideology that united these movements was Pan-Arabism, closely associated with Nasser's figure. During the Suez Canal Crisis, the Egyptian president used the Pan-Arabist discourse as a tool to project Egypt's influence, aiming to be seen as a legitimate leader by Arab countries. Therefore, this article aims to understand the importance of Pan-Arabist elements in Nasser's political discourse during the Suez Canal Crisis.

**Keywords:** Pan-Arabism, Gamal Abdel Nasser, and Suez Canal.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	5
2. SOBRE O PAN-ARABISMO .....	6
3. A CONSTRUÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL E O INÍCIO DO CONFLITO .....	14
4. SOBRE NASSER.....	15
5. SOBRE A CRISE DO CANAL DE SUEZ .....	18
6. A ANÁLISE DE DISCURSO .....	24
7. CONCLUSÃO .....	28
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	29

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo científico busca investigar a seguinte questão: como a ideologia do Pan-arabismo foi instrumentalizada pelo presidente egípcio Gamal Abdel Nasser em seus discursos durante a Crise do Canal de Suez.

O Pan-arabismo é uma ideologia que nasceu no seio dos movimentos de independência dos países árabes no período entreguerras. Por mais que sejam atribuídas diversas definições ao Pan-arabismo, a definição mais aceita foi cunhada pelo intelectual sírio Michel 'Aflaq: “Só há uma nação árabe com direito de viver num único Estado unido.” (HOURANI, 1994). Logo, entendido desta maneira, o objetivo central do Pan-arabismo era a unificação de todos os países que compartilhassem a história e a cultura árabe em uma só grande nação. O primeiro passo que inaugurou as tentativas de construção da grande nação árabe foi dado pelos movimentos de libertação que se alastraram por todo o Oriente Médio com o término da Segunda Guerra Mundial.

Gamal Abdel Nasser entra na cena histórica como um líder revolucionário carismático e grande libertador do Egito. As suas políticas irão não apenas consolidar a independência egípcia, mas também tornarão o país em um dos mais influentes em todo o mundo árabe. Ao longo de sua presidência, Nasser recorre diversas vezes ao discurso pan-arabista. Entretanto, a abordagem nasserista dada ao Pan-arabismo acabou por mesclar ideais nacionalistas egípcios com ideias pan-arabistas de uma grande nação árabe. É possível observar a esta hibridização de ideologias em seus discursos proferidos durante uma das principais crises da Guerra Fria: a Crise do Canal de Suez, que consistiu basicamente na invasão do território egípcio por tropas israelenses seguidas pelas forças anglo-francesas após a nacionalização do Canal de Suez. Por se tratar de uma fala longa de mais de 2 horas extremamente ricas em retórica, o discurso do anúncio da nacionalização feito no dia 26 de julho de 1956 será o principal discurso abordado.

No decorrer deste artigo, argumentasse que Pan-arabismo foi instrumentalizado por Nasser nesse episódio visando legitimar a sua política de nacionalização do canal. Desde a forma, o pan-arabismo teria sido apenas um instrumento de retórica dentro de uma estratégia de projeção de poder, que posicionaria Nasser como o líder no mundo árabe.

Sendo assim, o artigo fornece elementos empíricos para o entendimento da ideologia do Pan-arabismo em um dos momentos-chaves de sua constituição, além de fornecer uma revisão dos estudos sobre a Crise do Canal de Suez focada em um elemento pouco discutido no tema, que é justamente o Pan-arabismo. Para tanto, o artigo utiliza de fundamentos metodológicos

qualitativos, quais seja, a análise de discurso. Com esta abordagem, pretende-se verificar se Pan-arabismo de fato influenciou na formulação das políticas egípcias no contexto da crise do canal, de modo que se possa confirmar ou negar a hipótese anteriormente formulada.

O artigo é estruturado em cinco seções, sendo que as quatro primeiras servirão para fornecer um pano de fundo para análise de discurso. A primeira seção sobre o Pan-Arabismo busca contextualizar a criação da ideologia, popularização no período entre guerras e ajudar a entender por que essa ideologia se tornou tão imprescindível para Nasser e todo o povo árabe. A segunda seção dá sequência à primeira ao posicionar a construção do Estado de Israel como o início do conflito árabe-israelense. A terceira descreve a ascensão política de Nasser com a Revolução Egípcia de 1952, e caracteriza suas políticas tanto em âmbito interno quanto externo. A quarta seção, sobre a Crise do Canal, descreve o encadeamento de eventos que irão desaguar na crise. Já a quinta e última seção, se dedica à análise do discurso do anúncio de nacionalização do Canal de Suez, possuindo como base de análise o discurso da nacionalização do canal.

## **2. SOBRE O PAN-ARABISMO**

Em vários momentos na história podemos perceber que causas e lutas nacionalistas se tornam mais populares e ganham força após longos períodos de repressão que um país ou povo sofreu. Podemos analisar esta similaridade em grandes lutas identitárias tais como a Revolução Francesa, Russa e até mesmo na Guerra da Independência dos Estados Unidos. Em todos esses eventos, gritos evocando a identidade e força nacional foram empregados para demonstrar o descontentamento geral contra os diferentes regimes por, entre outros fatores, não representarem suas respectivas populações e, portanto, não tinha mais a legitimidade necessária para manter-se no sistema vigente.

O pan-arabismo é uma ideologia que representa algumas destas perspectivas assim como nos casos supracitados, pelo motivo de tentar reunir não apenas um país ou povo sob uma única causa, mas sim toda uma região que esteve sob o domínio estrangeiro por alguns séculos.

Para conceituar melhor a ideologia e demonstrar o motivo de ter sido tão cara para Nasser e seu governo, torna-se necessária a contextualização da região defendida, e do país de seu principal defensor. Hoje em dia, o avanço nos meios de comunicação, tecnologia e arqueologia possibilitam a diferentes sociedades a capacidade de conhecerem seu passado, e se identificarem na história de seus ancestrais. Conquanto, é essencial lembrar que para os países que foram subjugados por potências estrangeiras, esse reconhecimento se torna um grande desafio, pois um instrumento de afirmação de poder aos países conquistadores era a destruição

da identidade local e difusão de sua cultura. Este era um importante instrumento de dominação, pois quando um povo não tem mais domínio de sua história e identidade, este não encontra facilmente um alicerce com o qual basear sua luta contra o sistema vigente. Ele perde a capacidade de enxergar outras possibilidades de existência, senão aquela imposta sobre ele. Podemos observar que esta prática foi largamente utilizada durante o processo de escravização dos negros africanos, pois, para consolidar seu poder, os senhores reprimiam as principais manifestações culturais que os fazia lembrar de suas raízes e força ancestral. Porém, exatamente neste ponto, podemos enxergar a força e determinação dos diversos povos explorados na história, mesmo diante de uma conjuntura completamente desfavorável à eles. Os oprimidos conseguiram se sobrepujar diante das probabilidades desfavoráveis e preservarem sua cultura usando diferentes práticas, que foram passadas de geração em geração e atualmente se encontram gravadas na identidade nacional de vários Estados. (DOURADO, 2017)

O Egito, como um território que, principalmente por sua localização estratégica, representou às potências estrangeiras um meio para atingir seus objetivos no Médio Oriente. Conforme descreve Vesely (1992), “o Egito despertava um interesse muito particular em razão de sua agricultura intensiva, de sua numerosa população e de sua posição no Mar Vermelho, que impunha aos seus novos senhores a tarefa de continuar a luta contra os portugueses pela supremacia no Oceano Índico”. Por este motivo, houve também lutas para determinar a legitimidade deste governo, sendo a mais emblemática protagonizada pela do sultão Selim I contra o Sultanato Mameluco, incorporando o Egito ao Império Otomano.

Neste ínterim, a invasão francesa por Napoleão Bonaparte do território egípcio possui um cunho militar e um objetivo cultural, visto que a história egípcia ainda era muito desconhecida. Bonaparte instituiu assim a Comissão das Ciências e das Artes (PINORI, 2023) para acompanharem sua expedição e também coletarem informações do grande e desconhecido deserto. Por mais que a França tenha sido derrotada e se retirado do Egito em 1801, sua presença teve um grande impacto na população local. Segundo Aminheh, as implicações para a região foram as seguintes: “1) os esforços locais por autonomia do Império Otomano, mais tarde buscando a independência do Egito; 2) as primeiras tentativas de modernização ao estilo Ocidental conduzida pelo Estado; 3) uma rivalidade europeia pelo controle do que restava dos impérios otomano e islâmico” (AMINHEH, 2008 *apud* VISENTINI, 2014, p. 6)

A invasão francesa, desta forma, foi o estopim de um processo que fortaleceu a causa árabe, pois com este episódio a população geral foi capaz de observar que o Império Otomano era incapaz de garantir o controle, tampouco a segurança de seus territórios no Oriente Médio. Em adição a isso, uma característica muito importante deste período é o fato do governo central

do império, baseado em sua lógica de organização administrativa, muitas vezes não ter grande interferência sobre as comunidades locais que estavam sob seu regime. Neste cenário, os diferentes vilarejos tinham a liberdade de manterem seus costumes e serem diariamente geridos pelo líder tribal. Na visão de (Choueiri 2000 *apud* VICENZI, 2006 p.60), o Império Otomano “teria criado as condições objetivas para a cristalização de entidades políticas separadas no mundo árabe, o que, por sua vez, pode ter funcionado como um obstáculo para a realização do ideal pan-árabe”.

A partir deste ponto, o que houve foi fortalecimento do arabismo, um sentimento de proximidade cultural, sem, no entanto, incluir uma demanda articulada por unidade e soberania política (KHALIDI, 1991 *apud* VICENZI, 2006, p.1), tornando-se o estopim para futuras linhas de nacionalismo que iriam desenvolver-se no Egito. Este momento foi seguido ainda por uma maior autonomia egípcia do Império Otomano, por mais que ainda estivessem sob influência do Sultão, o Egito detinha agora um líder central: o Vice-Rei do Egito. Este período de relativa autonomia, trouxe grandes benefícios ao Egito:

Realizou-se outra grande obra pública: o canal de Suez, construído basicamente com capital francês e egípcio e com mão-de-obra egípcia, foi aberto em 1869. Sua inauguração foi uma das grandes ocasiões do século. O quediva Isma‘il aproveitou a oportunidade para mostrar que o Egito não fazia mais parte da África, mas pertencia ao mundo civilizado da Europa. (PAIVA, 2018, p.87)

A construção do Canal de Suez é um ponto central deste artigo, tendo em vista que foi uma realização egípcia que esteve sob controle total e irrestrito de potências estrangeiras (NETO, 2012, p.93). Evidencia-se também como as potências coloniais, por meio das interferências diretas em assuntos internos do Egito, a fim de alcançarem seus próprios interesses nacionais, financiam o projeto da construção do Canal de Suez, e administram a Companhia. A construção do Canal era de grande interesse principalmente para a França e o Reino Unido, pois facilitou o comércio exterior entre a Europa e a Ásia.

Acompanhado pela decadência do Império Otomano, o nacionalismo árabe se aflora pela região, dando o estopim para uma série de mudanças que viriam a acontecer pelos países no mundo árabe. Neste momento os árabes, mais especificamente os egípcios, viam o Império cada vez menos capaz de garantir a segurança mínima de seus cidadãos. Todo esse movimento se materializou no dia 14 de julho de 1955, dia em que houve a confirmação de um acordo entre o xarife Hasayn de Meca e o alto comissário inglês no Egito, garantindo o apoio da Inglaterra para a preservação da soberania egípcia em detrimento dos Otomanos. (VISENTINI, 2014). Esta aliança se demonstrou essencial no contexto da Primeira Guerra Mundial, pois, um dos

motivos que possam ter motivado os árabes a entrarem na guerra com tanto afinco, foi a garantia de que após o conflito, receberiam apoio inglês para a determinação de seu país independente de qualquer força estrangeira. Contudo pode-se ver que o desejo nacional foi novamente sobrepujado pelos interesses europeus.

Na reta final do conflito, a França e o Reino Unido firmaram um acordo secretamente conhecido como Sykes-Picot. Este conjunto de acordos dividia o Oriente Médio, outrora sob influência otomana, e conferia aos dois países uma razão jurídica de manterem o mundo árabe sob seus mandatos. Este plano não havia sido acordado com os árabes, eles restaram apenas a opção de aceitar o que lhes foi imposto. (VISENTINI, 2014).

No dia 9 de março de 1919 teve início a Revolução Egípcia, um movimento popular nacional que se iniciou em decorrência da insatisfação pela ocupação britânica.

Começando no Cairo e não tardando em alcançar Alexandria dias depois para daí se estender por cidades menores, vilarejos, zonas verdes e desérticas. A ação possuía um cunho abertamente anti-britânico e anti-estrangeiro e só começou a ser contida a partir de uma ação vigorosa do exército britânico, em 29 de março do mesmo ano. Ao fim da onda de fúria contaram-se centenas de mortes do lado egípcio e um sem-número de danos ao patrimônio colonial. (PAIVA, 2018, p. 93).

Esse episódio sangrento foi importante também pelo nascimento de um personagem idealizado como aquele que traria de volta a glória esquecido do grande Egito, uma pessoa capaz de liderar todo o país de volta à sua glória faraônica, sendo até mesmo comparado com deuses mitológicos, Saad Zaghlul foi uma personalidade vital nas revoltas egípcias contra a ocupação estrangeira. Zaghlul é descrito como uma pessoa que conseguiu personificar a ideia do arabismo, pois uniu a população ao seu redor, independente da religião ou situação financeira, o povo explorado viu nele um líder a se seguir. (PAIVA, 2019)

Zaghlul é alçado agora a novo ídolo, comparado a ninguém menos que “Osíris, que desceu do céu para melhorar a terra do Egito, para dar-lhe vida e luz, foi preso, metido em um caixão e desterrado, cortado em pedaços, às profundezas do mar...”. (PAIVA, 2018, p.93).

Este pode ser considerado o antecessor de Nasser como herói da nação egípcia. Assim como o famoso nacionalista, Nasser pregava uma maior independência de seu país, e seu pan-arabismo carregava um cunho mais religioso e cultural, independente da classe social. Nasser reconhecia a importância da participação de diferentes camadas da sociedade árabes para garantir o sucesso de sua ideologia (MEZADRI, 2021). Outro ponto alvo de sua atenção é o resgate dos egípcios de suas glórias faraônicas, resgatando o sentimento de orgulho e

pertencimento de toda uma nação, um episódio importante neste período foi a descoberta da tumba de Tutancâmon em 1922, que guardava todos os tesouros intactos do falecido faraó.

É de suma importância ressaltar que o pan-arabismo não nasceu no Egito, e por mais notório que seja, Nasser não foi o único personagem que tentou concretizar sua ideologia de Nação Árabe. Como visto anteriormente, todos os países do mundo árabe em algum momento estiveram sob o domínio de países estrangeiros. Portanto, o sentimento de revolta sempre esteve adormecido por muito tempo. Porém, o nascimento do arabismo com caráter político, só foi de nascer em Damasco já no final do século XIX, em um movimento humilde da juventude (ANTONIOUS, 1938).

Em 1875, um grupo de cinco estudantes se reuniu secretamente para discutir os problemas do governo do Império Turco-Otomano. Desde o primórdio, estes jovens entenderam que somente um movimento unificando os árabes, independente da religião ou da camada social, a libertação seria alcançada. O movimento juvenil propagou suas ideias através de posteres colados em pontos estratégicos nas cidades de Damasco, Trípoli e Sidon. O conteúdo dos cartazes pregava um despertar coletivo dos árabes contra as injustiças praticadas pelo governo turco: “os cartazes continham denúncias violentas dos males do domínio turco e exortavam a população árabe a revoltar-se e derrubá-la” (ANTONIUS, 1919 p.80).

Outro pensador que contribuiu fortemente na constituição de uma importante vertente do pan-arabismo foi o filósofo sírio Michel Aflaq, contemporâneo de Nasser, que foi responsável pela fundação do partido Ba’th, uma organização política responsável pela mobilização do arabismo em diversos países árabes (VICENZI, 2006).

Aflaq idealizava que em sua forma total, o pan-arabismo iria proporcionar a constituição de uma Grande Nação, Árabe que se estenderia do Golfo Árabe ao noroeste da África, uma nação composta somente por árabes, cuja nacionalidade teria como princípios a história em comum, o idioma e a cultura. (VICENZI, 2006)

Vale especificar os três pilares de sociedade propostos por Aflaq, pois esta é uma das bases nas quais Nasser constrói seu próprio movimento. O quesito da história se focaria nas práticas de exploração nas quais vários países sofreram tanto pelos otomanos como pelos europeus. Esta base é essencial, pois propõe unir os povos explorados em um único esforço de expulsão das forças estrangeiras. Já o quesito idioma evoca a língua árabe como ponto comum de todos aqueles que olham para a história desses países e se reconhecem pertencentes à essa grande história. Por fim, a cultura seria o ponto mais abrangente por reconhecer as diferentes manifestações das tribos espalhadas pelo Oriente Médio, durante os longos anos desde a dissolução dos antigos impérios.

Como já é sabido, o pós-Segunda Guerra Mundial trouxe grandes mudanças nas relações internacionais entre os países de todo o mundo, o maior impacto vivenciado no Oriente Médio foi uma maior interferência dos países europeus em dois pontos importantes: na intensificação da exploração petrolífera e na criação do Estado de Israel. De acordo com o professor Michael Barnett, o nacionalismo árabe se fortaleceu no período entreguerras por conta de 5 fatores principais:

A norma da autodeterminação, que legitimou e reforçou o desejo dos nacionais árabes por independência; 2) as promessas e garantias de autonomia feitas tanto pelo Império Otomano quanto pelas forças aliadas, durante a Primeira Guerra; 3) o estabelecimento do Sistema de Mandatos e a divisão dos territórios árabes sob controle britânico e francês, desconsiderando tanto as divisões geográficas e históricas da região quanto as lideranças locais; 4) o sentimento de traição despertado pelas potências ocidentais nas populações árabes, fruto do reconhecimento do Império Britânico da legitimidade do movimento sionista; e 5) o desenvolvimento dos sistemas de comunicação. (BARNETT, 1993 *apud* FERABOLLI, 2007, p.67)

Com a vitória dos aliados decretada em 1945 houve também a reestruturação de um sistema internacional completamente novo. No caso do Oriente Médio, o que mais impactou foi a criação do Estado de Israel, um país que se dedicou em suprir a necessidade sionista e proporcionar um ambiente seguro para a população judia que se encontrava em um êxodo desde o fim do Terceiro Reich. As principais críticas referentes à criação de Israel foram no sentido de denunciar como as potências estrangeiras poderiam decretar a criação de um Estado novo em um território que já possuía povo, cultura e religião. A criação de Israel estaria, desta forma, desrespeitando a soberania da Palestina que já existia há séculos.

Em decorrência da grande insatisfação árabe, Egito, Síria, Líbano, Iraque e Transjordânia travaram a primeira guerra contra o recém criado Estado judeu em 1949. E mesmo lutando com diversos países já estabelecidos, mas enfraquecidos por anos de exploração, Israel saiu vitorioso. A partir dessa reviravolta estrondosa, comparada com o mito de Davi e Golias, o jovem e pequeno Estado venceu um inimigo gigante e poderoso (NETO, 2012).

Essa derrota foi uma vergonha muito grande para todos os países árabes, mas especificamente no Egito teve um impacto maior, pois demonstrou a ineficácia do Rei Farouk em liderar e representar os interesses nacionais. O Rei era conhecido como um líder ineficiente e corrupto por defender os interesses britânicos em detrimento de seu próprio povo.

Seguindo esta linha de insatisfação, ocorre em 23 de julho de 1952 uma revolta que acaba por depor a monarquia egípcia. Este movimento foi comandado pelo movimento “Organização dos Oficiais Livres”, um grupo de militares insatisfeitos com as políticas reais, a

mais notória reação deste movimento foi a chegada de Nasser aos holofotes públicos, que alguns anos mais tarde resultam em sua chegada na presidência egípcia. (NETO, 2012)

Com a contextualização supracitada, podemos analisar melhor o foco do artigo, o pan-arabismo proposto e defendido por Gamal Abdel Nasser. O general egípcio é revolucionário por utilizar algumas teorias esquecidas e muitas vezes negligenciadas por outros pensadores pan-arabistas até então. Neste ponto o conceito possuía três elementos fundamentais e com grande capacidade de apelo à população: o não-alinhamento (terceiro mundista), a unidade árabe por meio do nacionalismo árabe e o socialismo árabe. (HOURANI, 1994, p. 524).

Nasser trouxe um forte caráter anticolonial em sua campanha pan-arabista, e conseguiu demonstrar a insatisfação egípcia que, na visão dele e apoiada pelas massas, seria uma reação após anos de exploração e subjugação pelos poderes estrangeiros. Mesmo com a decadência da Europa nos pós-Segunda Guerra, o imperialismo por ela praticado nunca enfraqueceu.

A independência de outros países como a Índia inspirou os movimentos nacionais árabes. Importante também lembrar que o nacionalismo não se opõe apenas ao sistema imperialista, mas também a todas as mazelas trazidas por ele, a pobreza da população e estagnação da população sendo os principais vivenciados no Egito.

Nasser também foi revolucionário resgatando o pan-africanismo como parte de sua posição. Durante séculos a África foi explorada, escravizada e subjugada por diferentes forças estrangeiras, deixando o continente em posição de fragilidade e pobreza. Neste sentido o Egito por muito tempo negava o fato de ser parte do reino africano e se declarava como parte do novo mundo europeu. Nasser inovou proclamando os egípcios como parte da história do povo mouro e da África Negra, por muito tempo negligenciada pelos egípcios.

Apesar dos esforços para atingir uma unificação dos povos árabes, existiram alguns empecilhos inerentes às dinâmicas próprias entre os países da região, que impediram que este projeto se consolidasse na criação de uma Nação Árabe.

No período analisado da Crise do Canal de Suez, o Oriente Médio vivenciava importantes transformações sistêmicas, sendo uma das principais a luta por autoafirmação de sua soberania e independência dos antigos impérios europeus. É importante salientar que este episódio faz parte dos movimentos de independência do pós-Segunda Guerra Mundial viabilizado pelo enfraquecimento dos impérios europeus. Estes movimentos tinham como base a identidade nacional de cada Estado, que ainda precisavam de uma base para se afirmarem. Entretanto, conforme supracitado, os árabes foram bem sucedidos em preservarem sua cultura, costumes e identidade, mesmo após séculos de exploração do Império Turco-Otomano, isso

porque o principal interesse do império era com a coleta de riquezas das tribos, não na consolidação de sua própria ideologia:

A maior preocupação dos otomanos consistia na arrecadação de impostos. Não utilizaram para isso métodos de aculturação. Até pelo contrário, converteram-se à religião dos dominados e estabeleceram um sistema administrativo flexível, apontado inclusive, por alguns, como uma das razões da decadência do Império Turco. (VICENZI, 2006 p.96).

Justamente por conta da construção da identidade nacional, muitos países se sentiram reticentes em formarem uma coalizão que iria apagar as fronteiras estabelecidas pelos antigos impérios. Ainda mais para se aliarem a um governo nasserista. Como afirma Barnett (Barnett 1998 *apud* FERABOLLI, 2007, p.80) “[...] tendo trabalhado arduamente por sua independência, os governos árabes estavam pouco empolgados em desistir de sua recém-adquirida soberania em nome de uma entidade maior na qual eles teriam seu poder político reduzido”.

Ainda assim, a criação da Liga Árabe em 1945 demonstrou um primeiro passo na constitucionalização da sonhada Nação Árabe, pois representava um espaço no qual líderes de diferentes países poderiam debater suas ideias e desenvolver seus projetos para o mundo árabe. Nesta primeira fase, a Liga tinha um caráter de regionalismo econômico, facilitando as relações financeiras entre os países integrantes, porém, o objetivo era que atingir um nível de integração nunca antes visto, onde todos seriam parte de uma única grande Nação Árabe com cooperação em todos os níveis estatais:

De acordo com a lógica do Sistema Árabe de Estados, os países do Oriente Médio e Norte da África que gozam de unidade lingüística, religião, história e cultura poderiam criar e desenvolver seu próprio sistema – econômico, político e estratégico – para contrapor as ameaças que surgissem de fora desse sistema. (FERABOLLI, 2007, p.69)

Ainda de acordo com (Hudson, 1999 *apud* FERABOLLI, 2007, p. 69), os principais fatores que explicam os desafios para a constituição da Nação Árabe eram “[...] os obstáculos para a unidade [árabe] situam-se em quatro categorias: fatores sociopolíticos internos; interesses econômicos que não se sustentam; a estrutura dos sistemas árabe/não árabe de Estado; e os padrões estratégicos, econômicos e culturais exógenos [ao Sistema Árabe de Estados]”.

Mas sendo ainda mais específicos, podemos também atribuir à Nasser o fracasso em se conquistar a integração no mundo árabe. O Egito nasserista foi temido não apenas pelas

potências estrangeiras, mas também pelos seus vizinhos que viam no projeto pan-arabista de Nasser um subterfúgio para expandir seu governo desrespeitando a soberania de outros países e montando uma Grande Nação Árabe que certamente estaria sob seu mandato.

Conforme supracitado, o Oriente Médio havia se apropriado de seu próprio destino após séculos de exploração estrangeira, e por este motivo não estava disposto a correr o risco de viver sob a égide de qualquer força estrangeira, mesmo uma árabe.

Além disso, para alcançar seu projeto, Nasser necessitava do investimento das petromonarquias na época, que não se interessavam em se aventurarem neste projeto integracionista, ainda mais por lucrarem com a maior presença de outros países no Oriente Médio como a empresa anglo-saxã Shell.

### **3. A CONSTRUÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL E O INÍCIO DO CONFLITO**

O processo de descolonização, fator importante para compreender algumas das dinâmicas em que diferentes Estados pelo mundo árabe passaram, ainda ocorreu em meados do fim da Segunda Guerra Mundial. Além disso, outro fator decorrente desse período, remonta, entre outros fatores, a criação do Estado de Israel em território palestino, em decorrência dos acontecimentos do holocausto na Alemanha nazista. Desta forma a ocupação sionista foi consolidada e legitimada pela resolução 181 (ONU, 1947).

Com a partilha do território da Palestina ao que indicaria a divisão do espaço em dois Estados resultante da resolução e com o apoio das superpotências, o dia 15 de maio de 1948 é comemorada, pelo povo judeu, a criação do Estado de Israel e para o povo palestino, é relembrada a Nakba (catástrofe), pois, segundo sua visão, foram expulsos de suas próprias terras (CLEMESH, 2008 *apud* SANTOS, 2018). Como resposta à ocupação sionista no Oriente Médio, tropas de coalizão com exércitos dos países árabes entraram em conflito em defesa do povo Palestino, conflito que ficou conhecido como a Primeira Guerra Árabe-Israelense e durou até meados de 1949 (SANTOS, 2018 *et al.*).

Para Korany (1995), a questão da Palestina é primordial para a compreensão das relações interestatais nos países do Oriente Médio, bem como a disputa com Israel confere ao Egito uma das mais importantes agendas da política externa, sobretudo no período da era Nasser (KHAWAJA, 2013).

Com os efeitos da ocupação sionista em território palestino e as consequentes dinâmicas migratórias palestinas decorrentes desta, fizeram com que a opinião pública árabe mostrassem certo descontentamento em relação ao recém criado Estado de Israel. (VICENZI, 2006). Além

disso, os efeitos do conflito árabe-israelense exacerbaram ainda mais o sentimento contrário às ocupações e intervenções do eixo Reino Unido – Estados Unidos pela visão árabe, pois identificavam que estes países seriam fiadores da expansão sionista pelos territórios árabes.

O Estado de Israel, que já fora formado sendo aceito pela comunidade internacional, além de bem equipado militarmente (sobretudo com armamentos das potências coloniais), (SOARES, 2017 *apud* SANTOS, 2018), significou, aos Estados árabes, um grande entrave na região. Mediante oposição dos interesses tanto dos Estado árabes, quanto do próprio Estado de Israel, a situação ficou ainda mais desafiadora na relação árabe-israelense. Neste contexto, o clima de constante rivalidade sobretudo entre Egito e Israel foi se intensificando com o passar dos anos.

Sobre a derrota no conflito de 1948, Heller (1987 *apud* ARANDA, 2008) aponta que “os jovens oficiais que haviam percebido nas trincheiras da Palestina que a derrota para os israelenses se devia à incapacidade, à corrupção e sobretudo, à submissão de seus estadistas frente os anseios das potências estrangeiras, representava uma nova camada social que, até então, não havia conseguido se articular politicamente”. Desta forma, após o conflito, o Exército seria a nova forma de representação da vontade legítima para a modernização na sociedade egípcia, pois estavam em contradição com as forças dirigentes tradicionais no Egito.

#### 4. SOBRE NASSER

Conforme descreve Vicenzi (2006), o processo político do pan-arabismo não acontece de forma imediata no Egito de Nasser, sobretudo devido à derrota conferida aos exércitos árabes em 1948. A autora argumenta que o processo anterior ao fomento do uso do pan-arabismo nos discursos de Nasser, ocorreu mediante utilização do ideário nacionalista egípcio, sobretudo com a crescente insatisfação que se fazia entre oficiais do exército egípcio referente a condução que levou a derrota dos árabes na 1ª Guerra Árabe-Israelense. Portanto, as primeiras vias que possibilitaram que a Revolução de 1952 pudessem ocorrer, se deram mediante exploração do nacionalismo egípcio sobretudo pelos oficiais do exército, voltado principalmente à contestação da ordem colonial que dava sustentação ao regime monárquico do rei Farouk, e que posteriormente possibilitou a ascensão do nasserismo. Nas próprias palavras de Nasser, os objetivos principais da revolução seriam:

Aqui estão, portanto, os objetivos da revolução: pôr fim à exploração das pessoas, realizar aspirações nacionais e desenvolver a consciência política madura que é um pré-requisito indispensável para uma democracia sólida. A revolução busca diminuir

a divisão entre as classes sociais e promover o espírito de altruísmo que caracteriza um indivíduo cultivado e um grupo coeso. Nosso objetivo final é proporcionar ao Egito um governo verdadeiramente democrático e representativo, não do tipo de ditadura parlamentar que o Palácio e uma classe "paxá" corrupta impuseram ao povo (NASSER, 1955).

A Revolução de 1952, conduzida pelos “Oficiais Livres”, tendo Nasser como uma de suas figuras mais expoentes (mas não única), não somente derrubou o regime monárquico do rei Farouk, como também foi um dos principais movimentos que, por seu caráter fortemente popular, foram fonte de inspiração para a mudança de regime em outras regiões do Mundo Árabe. Na visão de Aranda e Marzuca (2008), a Revolução no Egito representou o início de um regime que seria capaz de modificar a fisionomia político-ideológica da região e, apesar de não usar ao pan-arabismo como fonte propagadora da revolução, seria o começo da utilização dos ideais do pan-arabismo como centro aglutinador dos Estados pós coloniais da região.

O movimento dos “Oficiais Livres” tinha o general Mohammed Neguib como sua figura principal até meados de 1953. Neguib, extremamente popular sobretudo entre as camadas mais baixas da sociedade egípcia, conquistou apoio também na região do Sudão, em partes por sua mãe ser sudanesa, o que lhe conferia apoio popular suficiente para liderar o movimento. Neguib, aos poucos acredita que os “Oficiais Livres” dependiam de sua figura pública por ser extremamente popular e, além disto, não hesitava em lembrar aos seus companheiros que era o oficial de maior patente no Conselho de Comando Revolucionário (CCR) (MEIHY, 2014).

Após a Proclamação da República do Egito (1953) irrompe-se, no seio do Conselho de Comando Revolucionário, uma disputa política interna que levou à renúncia de Neguib em detrimento da ascensão de Gamal Abdel Nasser (MEIHY, 2014). A ascensão de Gamal Abdel Nasser ao poder ocorreu, portanto, após a queda de seu principal rival político e torna-se o primeiro-ministro do Egito. As mudanças políticas e sociais no Egito poderiam ser, a partir daquele momento, associadas com a figura de Nasser, uma vez que ele saía da sombra do então líder do Egito.

No período em que Nasser governou, destaca-se algumas características importantes concernentes à condução de sua política externa. Nasser estabelece uma política “audaciosa e independente”, (KHAWAJA, 2013). Audaciosa, pois Nasser buscava alçar o Egito a uma nova posição de liderança no mundo árabe através da Liderança na Liga Árabe, uma organização que reunia boa parte dos países árabes. Para isso, Nasser utiliza de discursos anticoloniais como forma de angariar apoio tanto entre Estados do Oriente Médio que entendessem sua causa como legítima, quanto pela sociedade civil no mundo árabe. Independente, porque além disto, foi um dos principais expoentes para a formação do Movimento dos Não-Alinhados, não conferindo o

alinhamento automático às potências ocidentais, característico da monarquia egípcia de outrora. (SANTOS, 2018 *et. al*; KHAWAJA, 2013).

Neste ínterim, a visão programática diversa entre líderes do mundo árabe exacerbaram ainda mais a disputa pela liderança política na região. A controvérsia envolvendo Nasser e Nuri Said (presidente do Iraque, àquela época), acerca da aproximação os países que formam a aliança com o Pacto de Bagdá pôs ainda mais em evidência a figura de Nasser como a principal figura que pudesse representar os povos árabes no cenário internacional. Nuri construía sua rede de alianças a partir deste Pacto, que nada mais era que uma aliança militar lançada pelas potências ocidentais com acordos de segurança mútua entre países da região. Em contraposição a essa aproximação, Nasser entendia o pacto como mais uma forma das potências do Ocidente influenciarem nos assuntos externos de países do Oriente Médio (MEIHY, 2014).

Além das mudanças na condução da política externa, o governo egípcio também realizou uma série de reformas, sobretudo aquelas nos modelos de suas capacidades produtivas, dissociando-o das antigas potências coloniais (sobretudo Reino Unido e França). Com o objetivo de “desenvolver os recursos potenciais do país” (NASSER, 1955), Nasser constrói, além de seu programa de Reforma Agrária - assentada na redistribuição das terras pertencentes a antiga família real - neste processo de modernização, um dos principais projetos na infraestrutura do Egito: a construção da Represa de Assuã. Situada no Rio Nilo, teria sua finalidade de geração de energia elétrica e para o armazenamento de água destinado a irrigação. De acordo com o próprio Nasser (1955), a barragem teria um impacto monumental na economia egípcia proporcional ao seu tamanho colossal, sobretudo na agricultura, podendo aumentar a sua produção anual em aproximadamente 50%.

Entretanto, para a realização da obra, o financiamento seria muito alto e Nasser, não disposto a arcar com os custos da obra, recorre às fontes de financiamento externo (principalmente via Estados Unidos e Reino Unido), para tornar possível a construção da Represa. Não obtendo os recursos desejados dos países ocidentais, Nasser voltou-se então, para a USSR. Este é um caso paradigmático da sua política externa audaciosa e independente, pois além de demonstrar seu pragmatismo, Nasser se aproveita da competição entre as duas superpotências para obter poder de barganha o suficiente e atingir seus objetivos de desenvolvimento no Egito. Porém, e apesar desta estratégia demonstrar certa influência de Nasser, sobretudo entre os países do então chamado terceiro mundo, com o Movimento dos Não-Alinhados, Nasser não obteve os resultados esperados com o acordo entre as partes envolvidas. Deste modo, com o revés nas negociações entre os países envolvidos e não obtendo, portanto, o financiamento necessário para a construção da represa, Nasser decide por

nacionalizar o Canal de Suez com a finalidade também de arrecadar capital para financiar a construção, tanto da Represa de Assuã, quanto de outras obras de infraestrutura, primordiais para seu projeto de modernização no Egito (DOUGHERTY, 1959 *apud* SANTOS, 2018).

## 5. SOBRE A CRISE DO CANAL DE SUEZ

Em 26 de julho de 1956, é feito o anunciado em um grande discurso do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser a nacionalização da Companhia do Canal de Suez, desencadeando uma das principais crises da Guerra Fria. Alguns meses depois do anúncio da nacionalização, tropas israelenses invadem a Península do Sinai e marcham em direção ao Canal. Alegando que o seu objetivo era restabelecer a ordem na região, Reino Unido e França intervêm no combate enviando suas próprias tropas para Egito em um ato secretamente arquitetado junto a Israel. Com a retirada das tropas europeias e israelenses de território egípcios, o Egito conquista uma das vitórias de um ex-colônia contra potências imperiais mais emblemáticas do século XX.

Por mais que esta crise tenha durado apenas alguns dias, ela causou impactos profundos nas dinâmicas do Oriente Médio, que são sentidos até os dias de hoje. Ela foi um momento de modificações estruturais do sistema interestatal do Oriente Médio. Com o desaparecimento da presença da ex-potência dominante e com as duas potências protagonistas da Guerra Fria preenchendo este vácuo, ocorreu uma abrupta redefinição de interesses. No ponto de vista do Pan-arabismo, ela foi um momento-chave no seu fortalecimento político. Fato devido em grande parte pela habilidade com a qual Nasser instrumentalizou o discurso pan-arabista com o objetivo de legitimar a sua política de nacionalização do Canal.

Idealizado pelo diplomata francês Ferdinand de Lesseps, o canal liga diretamente o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho. Os seus 193 km, concebidos como um atalho entre o ocidente e oriente ao eliminar a necessidade da passagem do Atlântico para o Índico ser feita via Cabo da Boa Esperança, foram construídos por uma grande maioria de trabalhadores egípcios. Um fato que municiará os discursos de Nasser no período da crise. Em momentos de paz, o canal foi fundamental para o barateamento do trânsito das mercadorias e, em períodos de guerra, ele foi um ponto estrategicamente vital nas logísticas militares. Anteriormente à nacionalização, o Canal pertenciam a Companhia do Canal de Suez, uma empresa de capital privado que possuía acionistas espalhados por toda a Europa. Ao tempo em que a crise ocorreu, a maioria destes acionistas eram ingleses e franceses. Este é um fator que contribuirá para a intervenção militar levada a cabo pelos dois países europeu.

Como foi afirmado na seção anterior, o principal motivo que levou Nasser à nacionalização do Canal de Suez foi a busca por recursos que financiariam a construção da Barragem de Assuã. Mesmo antes do anúncio da nacionalização, o governo de Nasser já era visto com ressalvas tanto por países de dentro da região quanto de fora. Entre estes países, três se destacaram pela aversão despertada pelo governo Nasser: o Reino Unido, que na época era um império com os dias contados; a França que, assim como os britânicos, já estava distante dos dias de glória do seu império; e Israel, que enxergava o Egito como o principal país árabe capaz de ameaçar a sua existência.

Na década de 1950, quando a crise ocorre, mesmo estando em plena Guerra Fria, a maior potência presente no Oriente Médio não eram os Estados Unidos ou USSR, mas sim o Império Britânico. O velho império exercia a sua hegemonia do Oriente Médio por vários meios. Um deles era através da Organização do Tratado Central (CENTO), também chamada de Pacto de Bagdá. Composta por Turquia, Iraque, Irã, Paquistão e Reino Unido, esta organização foi formulada a partir dos moldes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Porém, ao contrário desta, o CENTO não era uma aliança de defesa mútua, mas sim uma aliança para garantir a segurança interna dos países. No fundo, ela visava barrar a penetração da USSR na região colocando os países asiático sob o guarda-chuva britânico. Nasser, por sua vez, entendia esta organização como uma “manobra sinuosa de restabelecer a dominação colonial no Oriente Médio, e de isolá-lo, a ele e seus companheiros radicais.” (KISSINGER, 2012).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o início dos movimentos de independência das antigas colônias subsequentes, o Império Britânico, outrora o maior império da história da humanidade, entra em um agonizante processo de declínio. Vendo as suas colônias na África, na Ásia e na Oceania se retirando da Commonwealth uma de cada vez, o grande sonho de um império anglo-saxão começa a parecer cada vez mais distante para os formadores de política externa britânicos. Apenas uma única região os britânicos conseguiram preservar o seu domínio: o Oriente Médio. Isto se deve pela imensa importância desempenhada pela região nas vitórias das duas guerras mundiais, sendo exatamente no Canal de Suez que eles possuíam o seu último entreposto militar no exterior.

Havia dois grandes receios por parte dos políticos britânicos. O primeiro era que com a nacionalização do canal, que minaria o domínio britânico no Oriente Médio, o seu fornecimento de petróleo seria cortador, levando a economia britânica ao colapso. O segundo era que uma vez que o império houvesse sido totalmente perdido, o Reino Unido então passaria da condição de uma superpotência autônoma para uma posição de potência secundária, totalmente dependente do apoio americano para agir. (PEDEN, 2012). Desta forma, o governo do primeiro-

ministro Sir Anthony Eden estava pouco disposto a ceder sua posição no Oriente Médio. Com o seu discurso nacionalista, que exigia a entrega do controle do canal ao Egito e a total retirada das forças britânicas do solo egípcia, Nasser se torna não apenas uma ameaça aos interesses econômicos britânicos, mas também uma ameaça à posição geopolítica mundial do Império Britânico.

As circunstâncias envolvendo o Segundo Império Francês eram muito semelhantes. Assim como os britânicos, os franceses também viam o seu império desmoronar por toda parte. Após a perda catastrófica da Indochina Francesa, os franceses estavam lutando para tentar conter uma rebelião, desta vez na Argélia, umas de suas principais colônias. Entre os apoiadores da Frente de Libertação Nacional (FLN), Nasser se destacava. O governo egípcio não só oferecia apoio político, mas também fornecia armas aos guerrilheiros da FLN para lutarem contra as tropas francesas. Com o objetivo de manter seu domínio sobre a Argélia, o governo do então presidente francês Guy Mollet passou a ver na derrubada de Nasser uma maneira de garantir a manutenção da Argélia dentro do império.

Por último, entre todos os países aversos ao governo Nasser, Israel era aquele que de longe mais temia o carismático líder. O conflito árabe-israelense foi um dos principais motores da crise do canal. Desde a sua fundação em 1948, Israel tem enfrentado sucessivas coalizões árabes pela sua sobrevivência. Totalmente cercados por nações que lhe são hostis, os israelenses adquiriram um estado de constante alerta, sempre enxergando ameaças contra a sua existência enquanto Estado. Desta forma, bastava apenas um sutil sinal de perigo para levar os israelenses a agirem rapidamente.

Já os árabes, humilhados com a derrota da primeira coalisão formada por vários países um dia após o nascimento do Estado judeu, e insatisfeitos com os termos do armistício árabe-israelense de 1949, acabaram por cultivar um sentimento de assunto mal resolvido. Na população egípcia, em particular, este sentimento era extremamente forte. Extremamente forte também era a solidariedade à população palestina, pela qual Nasser sempre prestou apoio emocional e político. Apesar de algumas propostas de apaziguamento de ambos os lados, o impasse das duas nações era praticamente solucionável.

O anúncio de 27 de setembro de 1955 da conclusão de um acordo com a Tchecoslováquia para a compra de armas pelo Egito colocou mais lenha na fogueira. Este acordo teve grandes repercussões tanto no Reino Unido quanto na França, porém, elas foram mais decisivas em Israel. O acordo consolidou a visão dentro do governo israelense que Nasser representava uma ameaça real (TAL, 1996). Se antes o Egito era uma possível ameaça que não dispunha de capacidades militares, com as armas soviéticas, o Egito passaria a ser uma ameaça

que dispõe desses meios militares. A escalada das tensões entre os dois países se dá com o aumento da frequência de escaramuças com baixas na fronteira do Sinai, muitas delas em retaliação por ataques israelenses em Gaza e na Cisjordânia, e com tentativas de infiltração no território inimigo. (TAL, 1996). Um novo conflito envolvendo os dois países tornou-se um cenário praticamente certo.

Em paralelo, não podendo contar com o apoio de seu maior aliado, os Estados Unidos, pois os americanos entendiam que britânicos e franceses agiam guiados por uma nostalgia colonial e pelo seu de não se indispor com os países de Terceiro Mundo, os impérios moribundos passaram a considerar o uso da força como o único meio para conter o governo Nasser. O anúncio de nacionalização da Companhia do Canal apenas reforçou os temores desses dois países de Israel de que não haveria outra saída para o impasse gestado muito antes do anúncio da nacionalização da Companhia do Canal de Suez. (KISSINGER, 2012)

Contudo, entre o anúncio da nacionalização e a intervenção militar anglo-francesa, houve alguns últimos esforços para se alcançar uma solução multilateral para esta crise. Uma delas foi apelar para ONU, mais precisamente para o Conselho de Segurança, onde Reino Unido e França possuíam cadeiras permanentes, o que lhes atribuíam poder de veto. Do dia 26 de setembro a 13 de outubro de 1956, foram feitas rodadas de deliberação com o tema de discussão “a situação criada pela ação unilateral do governo egípcio em pôr fim ao sistema de operações internacionais do Canal de Suez, sendo este confirmado e assegurado pela Convenção do Canal de Suez de 1888.” (ONU, 1956, tradução nossa). Desde o início das discussões, pela forma de como a questão foi endereçada, definindo a ação do governo egípcio sendo “unilateral”, seria de se esperar que Nasser rejeitasse as suas conclusões. Porém, se chegou muito próximo de solução. O esboço de um acordo foi a resolução S/3671, formulada pela delegação egípcia, britânica e francesa na Conferência de Londres de agosto de 1956. Ela continha Seis Princípios para o canal, desde a livre navegação, o controle conjunto do canal até um mecanismo de resolução para disputas futuras. Ela foi aceita por todas as partes, porém, teve a sua implementação vetada pela USSR.

Com o fracasso da última tentativa de se alcançar uma solução, o caminho do uso da força foi o único que sobrou. Para isto, Reino Unido e França orquestram junto a Israel um acordo secreto para derrubar definitivamente o governo de Nasser. (SHLAIM, 1997). Este plano, formulado em um pequeno vilarejo nos arredores de Paris chamado Sèvres, o que lhe rendeu o nome de Protocolo de Sèvres, previa uma invasão da Península do Sinai pelas tropas israelenses seguida por uma intervenção anglo-francesa que usaria o ataque israelense como pretexto para a sua ação. A sua natureza secreta se deve a vários motivos, para além do fato de

tratar-se de um acordo que infringiu uma série de convenções internacionais. Uma dessas razões era a recusa dos britânicos de serem vistos colaborando com Israel. De fato, até aquele momento, os dois países sequer haviam se consultado sobre a questão da crise. Foram os franceses, grandes aliados de Israel e do Reino Unido, que apaziguaram os atritos entre as delegações britânicas e israelenses nos encontros em Sèvres. (SHLAIM, 1997). Após três dias de discussão, em 26 de outubro os países firmam o acordo.

Em 29 de outubro de 1956, cumprindo a sua parte e com receio de que a França e principalmente a Inglaterra não cumprissem suas obrigações, Israel invade a Península do Sinai. (TAL, 1996). Conforme planejado, um dia depois, o Reino Unido e a França encaminham um ultimato para os governos egípcio e israelense. As exigências eram as seguintes.

Para o governo do Egito:

a-) o cessar-fogo;

b-) a

retirada das suas tropas a uma distância de 10 milhas do canal, e;

c-) aceitar

uma ocupação temporária do canal pelas forças anglo-francesas, de modo a garantir a livre navegação para todas as nações até que um novo acordo seja arranjado.

Para o governo de Israel:

a-) o cessar-fogo;

b-) a

retirada das suas tropas a uma distância de 10 milhas do canal para o Leste.

(TROEN, 1996)

A intenção era justamente que as demandas fossem inaceitáveis, pois o objetivo era a ocupação do canal pelos soldados europeus. (SHLAIM, 1997). Com a óbvia recusa de Nasser deste ultimato, em 2 de novembro de 1956, Reino Unido e França, munidos de um pretexto para agir, dão início à última fase do plano: o desembarcam de tropas em solo egípcio. Esta operação, que ficou conhecida como Operação Mosqueteiro, teve como principal objetivo a

reconquista do Canal de Suez e causou uma enorme repercussão, principalmente no sentido de sua condenação.

No dia 4 de novembro de 1956, é aprovado na Assembleia Geral das Nações Unidas por uma maioria esmagadora de 64 a 5 as resoluções 997 e 998 (ES-1). Elas condenam veementemente a invasão e exigem o cessar-fogo juntamente com a retirada das tropas europeias e israelenses para além das linhas do Armistício Árabe-Israelenses. (ONU, 1956). É interessante perceber que este foi um dos raros momentos em que houve uma coordenação total de todos os países do Terceiro Mundo, em especial dos Não-Alinhados. Até o governo americano, que estava em período de eleição, e que não tinha intenção de expor a rachadura com os seus aliados da OTAN, condenou a invasão. (KISSINGER, 2012).

Totalmente isolados politicamente e desmoralizados, no mesmo dia da aprovação das resoluções, Reino Unido e França anunciam a retirada das suas tropas. No dia 5, são criadas as forças de paz das Nações Unidas para o Egito. Os soldados europeus deixam o solo egípcio no dia 7 de novembro, apenas 5 dias após o início das operações. Desta forma, a vitória de egípcia e de Nasser foi inquestionável.

As consequências desta crise foram inúmeras para os quatro países envolvidos. Em primeiro lugar, ela representa o fim dos impérios britânico e francês. No Reino Unido, o desfecho da crise levou à queda do gabinete de Sir. Anthony Eden. A próxima geração de políticos britânico se viu na necessidade de reavaliar o papel de seu país do cenário internacional, dando muito mais atenção a sua relação especial com os Estados Unidos, de modo a ganhar algum peso nas tomadas de decisões da superpotência aliada. Ao mesmo tempo, ela se vira para a Europa, vendo na integração com os seus aliados europeu um caminho para obter uma certa autonomia com relação aos americanos. (KISSINGER, 2012). Este processo será o pontapé para a criação da União Europeia. Já a França, pouco tempo depois da crise, é derrotada na Argélia, perdendo sua principal colônia. Sem poder contar com uma relação especial com os Estados Unidos e percebendo que os interesses dentro da OTAN eram divergentes, o único caminho que restou para a obtenção de autonomia era o do auto fortalecimento. (KISSINGER, 2012). No período da Guerra Fria, isto significava a obtenção de armas nucleares. Esta foi exatamente a principal política de governo do nacionalista Charles de Gaulle, que também foi um grande patrocinador da integração europeia. Israel, por sua vez, aparece na cena como um instrumento do imperialismo, levando ao seu isolamento econômico e militar. As tensões entre o país e os seus vizinhos árabes degradam muito ao fim da crise, estourando mais uma vez na Guerra dos Seis Dias em 1967.

Para o Egito, o saldo da crise foi extremamente positivo. Em primeiro lugar, no ponto de vista nacional, a vitória egípcia significou o fim do domínio britânico sobre o país e uma explosão de sentimento nacionalista. No ponto de vista do pan-arabismo, com a vitória sobre duas potências imperiais, o governo de Nasser ganhou material com o qual fundamentar o seu discurso anti-imperialista, assim como ganhou um manto de legitimidade no mundo árabe. Em 1958, Nasser o maior fundador República Árabe Unidos, um projeto claramente fundamentado no ideal pan-arabista de uma só grande nação que congregasse todos os povos árabes.

## 6. A ANÁLISE DE DISCURSO

Durante a crise do Canal, podemos observar vários elementos pan-arabistas nos discursos de Nasser dirigidos ao público. Assim como descrito nas seções anteriores, a questão do pan-arabismo não foi de imediato utilizado como instrumento de projeção de poder por Nasser. Segundo Dawisha (2003), Nasser somente utiliza o movimento do pan-arabismo como uma base política quando percebe que este seria um meio de alcançar uma considerável vitória contra as potências coloniais, sobretudo a Grã-Bretanha (VICENZI, 2006).

Conforme descreve Vicenzi (2006), o nacionalismo árabe, como instrumento de propagação do pan-arabismo, foi fundamental para a ascensão de Nasser e suas políticas. Com o passar dos anos, e o desenvolvimento da política nasserista caminhar rumo à exploração do ideário pan-arabista, disseminado entre os povos pelo mundo árabe, colocaram a figura de Nasser como a representante legítima da causa pan-arabista. Nasser utilizou de diversos meios de persuasão para fazer com o seu discurso penetrasse nas diversas camadas da sociedade árabe, como a utilização dos meios de comunicação, o seu apelo ao nacionalismo árabe, a utilização de formas linguísticas comuns no mundo árabe e abordagem dos temas sensíveis partilhados entre os povos nesta região, sobretudo pelo passado colonial.

Utilizar meios de comunicação modernos foi uma parte essencial na difusão das principais ideologias de Nasser, pois havia uma grande preocupação em atingir, além das massas, diferentes camadas nas sociedades árabes egípcia. Por este motivo, os discursos que Nasser foram proferidos e disseminados tanto no rádio quanto na TV. Neles, ele adota diferentes tons, tanto formais quanto informais (MEZADRI, 2021), tornando-se uma figura popular e influente no cotidiano árabe.

O uso, portanto, da máquina de propaganda nasserista, principalmente por meio dos programas de rádio, dentre as quais se destacam a “Voz do Povo” e a “Rádio do Cairo”, conferem a Nasser um instrumento capaz de propagar seus discursos e mobilizar diferentes

camadas sociais por todo o Mundo Árabe. O resultado e tal estratégia foi que o pan-arabismo acabou sendo tão fortemente atrelado à figura de Nasser de tal modo que as palavras “independência”, “nacionalismo” e “nasserismo” foram por muito tempo consideradas sinônimos no mundo árabe (FERABOLLI, 2005 *apud* SANTOS, 2018 et al)

Assim como apontado na seção passada do presente artigo, o episódio da nacionalização do Canal de Suez foi um dos episódios mais importantes e emblemáticos no decorrer da Guerra Fria. Uma das razões para isto é que ele joga luz em como o discurso de Nasser foi capaz de mobilizar as massas, não somente no Egito, mas de todo o mundo árabe, de maneira tão eficaz, e ainda repercutindo em grande parte das nações subdesenvolvidas (MEIHY, 2014).

Nasser, como representante deste pan-arabismo, remonta a importância do nacionalismo árabe como um fator que lhe daria legitimidade para representar a causa árabe e, desta forma, recorre a alguns meios específicos de cativar e mobilizar as massas, a fim de consolidar a sua figura como real representante no Mundo Árabe. Para tanto, Nasser descreve a importância do nacionalismo da seguinte forma: “O nacionalismo árabe sabe que a sua existência está na sua união e que a sua força está no seu nacionalismo.” (NASSER, 1956). Desta forma, o caráter de união que o nacionalismo árabe conferia, era primordial para assegurar esta legitimidade personificada na figura de Nasser como este representante legítimo do pan-arabismo.

Esta é a nossa força, meus irmãos. Esta é a força que vejo manifestada em vocês agora, representados pelos sírios, libaneses, jordanianos, sauditas, iemenitas, líbios, egípcios, tunisianos, argelinos e marroquinos. Esta é a identidade árabe que une o norte da África, Egito e Sudão, Palestina, Síria e Líbano. Se esta identidade árabe fosse realizada no passado, não teríamos enfrentado as adversidades que enfrentamos. Hoje, a chama da identidade árabe foi acesa, e os árabes em todo o mundo acreditam nela. (NASSER, 1956)

Em 26 de julho de 1956 é realizado o discurso de nacionalização do Canal de Suez, iniciando de fato a crise. A própria escolha da data para o anúncio já possuía um caráter simbólico, pois ela é próxima ao aniversário de quatro anos da Revolução de 1952. No anúncio, que foi transmitido ao vivo pela rádio, Nasser recorre a formas linguísticas comuns no mundo árabe e, conseqüentemente, faz uso do árabe padrão em vez do árabe egípcio para assegurar que seu discurso fosse o mais capilarizado e chegasse a todos os povos na região (COTTER, 2012). Nesta ocasião, Nasser inicia seu discurso da seguinte forma:

Hoje celebramos o quinto aniversário da revolução... o início do quinto ano da revolução, após quatro anos de luta e resistência para nos livrarmos dos efeitos do passado odioso, dos efeitos do passado longo, dos efeitos do colonialismo que nos oprimiu por séculos, e para nos livrarmos dos efeitos da opressão que governou sobre

nós, e para nos livrarmos dos efeitos da exploração estrangeira e interna. (NASSER, 1956).

Outra forma com a qual Nasser fez uso de artifício retóricos em seu discurso visando remeter o Egito como o centro legítimo que representa a causa árabe, é abordando a questão árabe anti-colonial. Associar a nacionalização do Canal de Suez à necessidade de todos os Estados árabes de se dissociar das potências ocidentais como forma de superação de suas mazelas oriundas do colonialismo (MEIHY, 2014). Como descreve Vicenzi (2006), o pan-arabismo nasserista utiliza os princípios da luta anticolonial como o centro aglutinador, pela história dos povos árabes, mediante os anos de colonização na região, como pode ser visto no trecho retirado do discurso abaixo que convoca os árabes a lutar contra o colonialismo:

Eis, concidadãos, a batalha em que estamos a marchar. Esta, concidadãos, é a batalha que estamos travando agora, uma batalha contra o colonialismo. Uma batalha contra os métodos do colonialismo. Uma batalha contra os meios do colonialismo. Uma batalha contra Israel, uma criação do colonialismo, criada pelo colonialismo para destruir a nossa nacionalidade, bem como a Palestina. Eles destruíram a Palestina, apoiaram Israel com gangues e fortaleceram Israel para que nos eliminassem e nos transformassem em um Estado de refugiados, e encorajaram Israel a declarar publicamente que sua terra santa se estende do Nilo ao Eufrates. (NASSER, 1956)

Desta forma, ele utiliza da luta anticolonial para fortalecer o sentimento de pertencimento dos povos árabes, por partilharem uma história marcada pela opressão, mas sobretudo, para corporificar uma união entre os povos do Médio Oriente, tornando-se, desta maneira, uma causa sensível instrumentalizada por Nasser. Nesta perspectiva, Meihy (2014) afirma que o uso do pan-arabismo nasserista, serviria como forma de concretizar seu projeto político, pois recai sobre a lógica de que Nasser seria o representante da causa árabe, remetendo o Egito como o centro legítimo que representa esta causa. Como forma de corroborar com esta perspectiva, Nasser, em seu discurso, fornece exemplos de heróis nacionais que lutaram e perderam suas vidas por este objetivo. Segundo Nasser, os oficiais egípcios lutaram contra o colonialismo representado por Israel. Entre esses símbolos nacionais, Nasser destaca dois oficiais: Mustafa Hafez e Salah Mustafa.

[...] Dois dos nossos mais queridos, na verdade, dois dos nossos mais sinceros, foram martirizados - Mustafa Hafez, comandante do Exército da Palestina - enquanto cumpria seu dever por vocês, pela arabidade e pela nacionalidade árabe. Mustafa Hafez, que se dedicou a treinar o exército palestino e a estabelecer o Exército da Palestina, e a elevar o nome da Palestina. [...] Eles (**colonialistas**) viam em Mustafa Hafez uma ameaça direta a eles, uma ameaça direta aos seus interesses, e uma ameaça direta contra as conspirações que tramavam contra vocês, contra sua nacionalidade, contra sua arabidade, contra o mundo árabe. (NASSER, 1956 - grifo nosso)

[...] Salah Mustafa, seu irmão... Meu irmão, que esteve ao meu lado em 23 de julho, lutou pela causa do Egito e acreditava nos princípios e valores supremos. Salah Mustafa lutou acreditando em vocês... Ele acreditava em sua liberdade, acreditava em sua dignidade, acreditava em sua honra em 23 de julho, mas preferiu lutar e se esforçar em silêncio. [...] Ele acreditava que havia dedicado sua vida, alma e sangue pelo nacionalismo árabe e pela pátria árabe. (NASSER, 1956)

Além disso, em seu discurso da nacionalização, Nasser não se restringia às questões internas do cenário político egípcio, mas também enfocava questões externas, sobretudo na questão da Palestina. Sobre este assunto, Meihy (2014) argumenta que servia de plataforma política importante, pois mantinha tanto o apoio interno, necessário à Nasser, quanto para elevar o Egito como nação líder dos árabes vocalizando uma “causa sem voz”, uma vez que os maiores problemas internos e externos do Egito e dos demais países árabes vizinhos, eram imputados à presença considerada ilegítima do Estado de Israel na região. Sendo assim, ele afirma que o que ocorreu na palestina foi um “processo de extermínio [...] um extermínio da nacionalidade árabe como um todo... um extermínio dos árabes... um extermínio completo... eliminando uma raça inteira.” (NASSER, 1956).

Por mais que a Palestina fosse o enfoque, a abordagem de outras lutas anti-coloniais, comuns a outros povos dentro do mundo árabe, também reforçaram o sentimento de arabidade, ou seja, o sentimento partilhado pelos árabes por uma luta contra os interesses do colonialismo. Esta luta se apresentava com o objetivo compartilhado entre os povos árabes. Portanto, demonstrar solidariedade às lutas dos demais países do Oriente Médio, seria uma etapa fundamental no fortalecimento deste ideário da arabidade. Como exemplo, Nasser cita a luta pela libertação da dominação colonial na Argélia e na Jordânia. Sobre este tema, ele discorre da seguinte forma:

Não podemos dizer que a batalha da Argélia não é a nossa, ou que a batalha da Jordânia em dezembro não foi a nossa, ou que as batalhas das alianças não são as nossas. Se dissermos isso, estaremos renunciando à nossa arabidade, à nossa nacionalidade e a nós mesmos, e renunciando à nossa egípcianidade. Porque nossos destinos estão ligados. Nosso destino aqui está ligado ao destino de nossos irmãos na Jordânia, de nosso irmão no Líbano, na Síria e em cada país, e no Sudão nossos destinos estão interligados. Fomos criados assim neste lugar do mundo, e nossos destinos afetam uns aos outros. O destino de cada um de nós afeta o destino do outro. Não podemos dizer nunca que essas não são nossas batalhas. Essas são nossas batalhas. As batalhas de cada indivíduo entre vocês. As batalhas de cada filho da Árabia (NASSER, 1956).

Sendo assim, a capitalização do discurso pan-arabista foi fundamental para Nasser obter apoio regional e internacional para sua política de nacionalização. A utilização dos diversos meios de comunicação, principalmente o rádio e a TV, somados a escolha por uma linguagem

padrão foram estratégias midiáticas para que o seu discurso da nacionalização da Companhia do Canal de Suez fosse amplamente divulgado em todo o mundo árabe. O conteúdo desses discursos é uma pluralidade de ideologias, em que se destacam o nacionalismo egípcio e os temas dentro do pan-arabismo.

## 7. CONCLUSÃO

Podemos notar que o pan-arabismo foi uma ideologia fundamental no crescimento das nações árabes depois de um longo período de subjugação por potências exteriores. Pode-se notar também que as transformações ocasionadas pelo término da 2ª Guerra Mundial propiciaram para que estes países, em especial o Egito, um período de independência ideológica e fortalecimento interno. No que diz respeito à Nasser, percebemos notar que ele foi o responsável por resgatar diversos posicionamentos nacionalistas adormecidos durante séculos de repressão que tiveram seu auge na Crise do Canal de Suez.

A valorização do nacionalismo árabe e a reiteração das questões sensíveis no mundo árabe foram instrumentalizados pelo presidente egípcio para conquistar apoio das outras nações árabes e, conseqüentemente, obter uma vitória política sobre as potências coloniais que invadiram o território egípcio. Tanto a utilização dos meios de comunicação quanto de uma linguagem padronizada foram, neste sentido, fundamentais para a disseminação do discurso nasserista.

Por mais que Nasser tenha instrumentalizado o pan-arabismo em seus discursos, promovendo o sentimento do nacionalismo árabe que refletiu nos demais países muçulmanos do Oriente Médio e do Norte da África, dentre os quais se destacam aqueles pertencentes à Liga Árabe, o seu interesse acabou demonstrando-se pela projeção política do Egito e, conseqüentemente, o poder simbólico que obteria para enfrentar as potências imperialistas.

Conforme descrito na seção da análise de discursos, Nasser deu sentido ao pan-arabismo, instrumentalizando de tal maneira que, dentre outros fatores, mobilizou as massas, e deu legitimidade e deu certo sentido simbólico na adoção de suas políticas. Nasser, evocando o sentimento do nacionalismo árabe, foi capaz de se colocar como a figura que melhor a representasse. Para tal, ele usa de uma história comum aos demais países da região, como a colonização e o enfrentamento ao Estado de Israel, além da causa Palestina, como força aglutinadora de seu projeto nacionalista, mesmo que este não representasse, necessariamente, a consolidação de uma Grande Nação Árabe.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Alejandro. "Egipto: **La gran esperanza revolucionaria de 1952**". Acesso em: 03 set 2023.

ARANDA, G; MARZUCA, R. "**Política exterior de la República Árabe de Egipto: de Nasser a Mubarak**". Acesso em: 08 set 2023. Disponível em: [https://repositoriosdigitales.mincyt.gob.ar/vufind/Record/SEDICI\\_55b575a1c565b83f174eeb62d08670c8](https://repositoriosdigitales.mincyt.gob.ar/vufind/Record/SEDICI_55b575a1c565b83f174eeb62d08670c8).

BIBLIOTHECA DE ALEXANDRIA. **Bibliotheca de Alexandria**. Alexandria: Snohetta, 1996. Disponível em: <https://www.bibalex.org/en/default>. Acesso em: 1 out. 2023.

BRITISH PATHÉ. **Prime Minister's Broadcast on the Suez Canal**. London: BRITISH PATHÉ, 1956. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <https://www.britishpathe.com/asset/73757>. Acesso em: 20 de nov 2023.

CASTRO, Isabelle Christine. "**A sociedade dos irmãos muçulmanos entre 1936 e 1949**". Acesso em: 03 set 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17140>.

CHAISE, Mariana Falcão. "**Estratégias de Legitimação: a construção de uma memória coletiva pelos governos militares do Egito e da Argélia no Pós-Independência**". Acesso em: 04 set 2023. Disponível em: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/102>.

DAVIDI, Efraim. "**La Crisis del Canal de Suez en 1956: el fin de una época en el Medio Oriente y el comienzo de otra**". Acesso em: 02 ago 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2195711>.

DORAN, Michael, **PAN-ARABISM BEFORE NASSER**. 1. ed. Nova York: Oxford University Press, Inc., 1999.

DOURADO, Larissa Bagano. Escravizadas na província da paraíba: trabalho e opressão na sociedade escravista (1850-1888). **Faces da História**, [s. l.], v. 4, p. 241-258, jan. 2017. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/415>. Acesso em: 25 nov. 2023.

FERABOLLI, Silvia. **Relações Internacionais do Mundo Árabe** (1954-2004): Os Desafios para a Realização da Utopia Pan-arabista. Contexto Internacional, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 63-97, jun. 2007.

FROMKIN, David. "A Peace to End All Peace: The Fall of the Ottoman Empire and the creation of the Modern Middle East" - Part X and XII. Acesso em: 06 out 2023.

GONZÁLEZ, Mariano Garcia. "El Egipto de Nasser en la Dinámica de las relaciones internacionales". Acesso em: 06 set 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3712094>.

HAMID, S; MANDAVILLE P. "Bringing the United States Back into the Middle East". Acesso em: 05 set 2023. Disponível em: [https://sis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/legacy\\_files/files/publication/TWQ\\_13Winter\\_Hamid-Mandaville.pdf](https://sis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/legacy_files/files/publication/TWQ_13Winter_Hamid-Mandaville.pdf).

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KISSINGER, Henry. Alternado a Contenção: A Crise do Suez. In: **DIPLOMACIA**. São paulo: Saraiva, 2012. cap. 21, p. 475 - 501.

MAZADRI, Matheus P. Giolo; GOMES, Rachel G. Alves. A CRISTA DO PAN-ARABISMO: Nasser e os usos políticos do rádio, 1956-1958. In: **XXIX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP**, 2021, Campinas. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/unicamp-pibic/pibic-2021/trabalhos/a-crista-do-pan-arabismo-nasser-e-os-usos-politicos-do-radio-1956-1958?lang=pt-br> Acesso em: 01 out. 2023.

MEIHY, Murilo Sebe Bon. 'Às vezes somos todos palestinos': O uso político da Questão Palestina por líderes árabes na segunda metade do século XX." Acesso em: 05 out 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/LcJrsBSzq7pSfNsnxB4gyNq/abstract/?lang=pt>.

NETO, Luiz Salgado. "A crise de Suez: uma sobreposição de três conflitos (1952-1956)". Acesso em: 04 set 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27895>.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Agenda Provisional S/PV.734**. Disponível em: <https://daccess-ods.un.org/tmp/2443667.50121117.html>. Acesso em: 15 de nov. 2023.

\_\_\_\_\_. **Resolução da Assembleia Geral 997**. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/208414>. Acesso em: 15 de nov. 2023.

---\_\_\_\_\_. **Resolução do Conselho de Segurança 188**. Disponível em: <http://unscr.com/en/resolutions/doc/118>. Acesso em: 15 de nov. 2023.

PAIVA, Felipe. **Continente negro, habitante mouro: Gamal Abdel Nasser e a identidade africana**. Abe África: revista da associação brasileira de estudos africanos, [s. l.], v. 1, p. 87-102, out. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/19443>. Acesso em: 25 nov. 2023.

PEDEN, G.C. SUEZ AND BRITAIN'S DECLINE AS A WORLD POWER. **The Historical Journal, Cambridge**, v. 55, n. 4, p. 1073-1096, 1 dez. 2012. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/23352191?searchText=SUEZ+AND+BRITAIN%27S+DECLINE+AS+A+WORLD+POWER&searchUri=%2Faction%2FdoBasicSearch%3FQuery%3DSUEZ%2BAND%2BBRITAIN%2527S%2BDECLINE%2BAS%2BA%2BWORLD%2BPOWER&ab\\_segments=0%2Fbasic\\_search\\_gsv%2Fcontrol&refreqid=fastlydefault%3A9e09009212661ec6f88855f2c01971e6](https://www.jstor.org/stable/23352191?searchText=SUEZ+AND+BRITAIN%27S+DECLINE+AS+A+WORLD+POWER&searchUri=%2Faction%2FdoBasicSearch%3FQuery%3DSUEZ%2BAND%2BBRITAIN%2527S%2BDECLINE%2BAS%2BA%2BWORLD%2BPOWER&ab_segments=0%2Fbasic_search_gsv%2Fcontrol&refreqid=fastlydefault%3A9e09009212661ec6f88855f2c01971e6). Acesso em: 30 set. 2023.

PINORI, Gino. A invasão napoleônica do Egito. In: Bruno Leal. **Café História**. [S.l.]. 25 set. 2023. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/a-invasao-napoleonica-do-egito/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SALGADO NETO, Luiz Salgado. A Crise do Canal de Suez: uma sobreposição de três conflitos (1952-1956). **Revista Cantareira**, [s. l.], v. 17, p. 87-104, jul. 2012 Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27895>. Acesso em: 4 set. 2023.

SANTOS, A.; LOPES, J.; SPIDO, J.; CASSEL, R. "**Crise de Suez: a Segunda Guerra Árabe-Israelense (1956)**". Acesso em: 03 ago 2023.

SANTOS, Mateus José. "**Cairo, Ismailia e Alexandria: faces de um Egito efervescente em à tarde (Jan/1952 - Julho/1952)**". Acesso em: 01 out 2023. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/1251>

SHLAIM, Avi. **The Protocol of Sevres, 1956: Anatomy of a War Plot**. In: ITHAKA. JSTOR. [S.l.]. 1 jul. 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2624270>. Acesso em: 28 set. 2023.

TAL, David. Israel's Road to the 1956 War. **International Journal of Middle East Studies, Cambridge**, v. 28, n. 1, p. pp. 59-81, 1 fev. 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/176115>. Acesso em: 12 nov. 2023.

TROEN, S. Ilan. The Protocol of Sèvres: British/French/Israeli Collusion Against Egypt. **Israel Studies**, Indianapolis, v. 1, n. 2, p. 122-139, 1 nov. 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30245494>. Acesso em: 12 nov. 2023.

VICENZE, Roberta Aragoni Nogueira, **NACIONALISMO ÁRABE: APOGEU E DECLÍNIO**. Orientador: Prof. Dr. Cicero Romão Resende de Araujo. 2006. 227 f. Tese de doutorado (Doutorado) - Unicamp, São Paulo, 2006.